



Estudos cabralinos

Daniel Mazza

Dos estudos sobre João Cabral de Melo Neto é lícito asseverar que por baixo da sua ponte poética muitas águas já passaram e, nada há que indique alguma corrente contrária, muita água ainda passará, embora, para permanecer na figura de linguagem, águas cada vez mais rasas à medida que se afastam do seu nascedouro - leia-se, aquela meia dúzia de publicações seminais que deslindaram quase que *in totum* a poética do poeta pernambucano - dessa forma mais contribuindo para a extensão do que para a profundidade das análises. Entenda-se: é que João Cabral de Melo Neto valendo sozinho por toda uma escola literária - o que, em princípio, poder-se-ia dizer tratar-se de uma fonte de estudos quase inesgotável - teve a peculiaridade de escrever, em versos, um tratado de poética, da sua poética, no íntimo de muitos de seus poemas, deixando para seus exegetas, sobretudo, o trabalho de mapear, em sua obra, a concepção de linguagem poética inescapável à sua personalidade e, por extensão, as ferramentas estilísticas de que se valia para construir a sua poesia.

Grosso modo, em correspondência as duas águas da poesia cabralina, haveria também duas águas, aqui mutuamente dependentes, de estudos cabralinos: de um lado, os "estudos biográficos", dos quais o clássico de José Castello (João Cabral de Melo Neto: o homem sem alma) inscreve-se como paradigma; e do outro, os "estudos de poética", e, dentre esses, principalmente, os de José Guilherme Merquior (A razão do poema), Luiz Costa Lima (Lira e Antílira), Benedito Nunes (João Cabral de Melo Neto), Lauro Escorel (A pedra e o rio), João Alexandre Barbosa (a imitação da forma) e Antônio Carlos Secchin (João Cabral: a poesia do menos). Assim, é dentro dessas coordenadas que se deve situar os novos estudos sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto e, mais especificamente, o de Solange Rebuszi (O idioma pedra de João Cabral. São Paulo: Perspectiva, 2010).

Diga-se desde já que, longe de classificar-se entre as meras obras de fancaria ou produto de moda literária, é, não obstante, livro que se lê sem os grandes sobressaltos espirituais advindos do encontro com o ensaio percuciente e desbravador, dessa forma distanciando-se do que poderíamos chamar de "cânone dos estudos cabralinos", fato que, de qualquer modo,

não desqualifica o trabalho sério empreendido, sobretudo se se leva em consideração as dificuldades "impostas" por João Cabral a seus estudiosos, sendo, substancialmente, um "poeta-crítico-da-própria-obra".

Ainda assim, sobressaem-se, notadamente, as preocupações didáticas que permeiam grande parte do livro de Solange Rebuszi, seja no pormenor explicativo, e por vezes dispensável, na análise de algum poema, "As irmãs Bernarda e Fernanda de Utrera são personagens do poema e grandes lendas do cante flamengo, cantavam em Sevilha desde 1995"; seja na nota apenas pitoresca, desnecessária, "O poeta (Francis Ponge) faz referência a um tempo de férias, em que viveu nas montanhas do mediterrâneo com a mulher Odette"; seja no comentário supérfluo sobre as vicissitudes da vida literária, "O fato causa algum estranhamento ao leitor" (o fato de João Cabral ter tomado a iniciativa de publicar, com recursos financeiros seus, o próprio livro), mas, continua, "mas não de todo, pois é sabida a luta que os poetas travam para conseguir publicar seus primeiros livros"; seja nos não-raros momentos em que a sua visão da obra de João Cabral é, em larga medida, o mero resumo de suas leituras ensaísticas: "Os críticos concordam com o âmbito construtivo e visual da obra cabralina. Mas, em relação à lírica, percebemos que eles utilizam formas diferentes de referi-la. Luiz Costa Lima fala sobre uma "antilírica", João Alexandre Barbosa reconhece um "lirismo de tensões" e Alfredo Bosi encontra em João Cabral "uma nova dimensão do discurso lírico". A ensaísta Marta Peixoto...".

Nesse sentido, é verdadeiramente um lenitivo encontrar algumas ponderações que procuram expor a "tese" da autora, sobretudo em dois momentos: na análise que faz das motivações da escrita de João Cabral sob a égide de algumas leituras de Maurice Blanchot e, também, no enlace que procura fixar entre as poéticas cabralina e a do poeta francês Francis Ponge, por meio da esmerada argumentação que desenvolve no capítulo "A materialidade da escrita de João Cabral e algumas aproximações com a poética de Francis Ponge", esse último enfoque apenas de modo incipiente abordado em um estudo prévio de Benedito Nunes. Aproximação que Solange Rebuszi também procura estabelecer, mas aqui forçadamente, entre João Cabral e outro poeta do Recife: "Com os elementos bandeirianos, como os dos versos 'homens feito bichos', e a forma do

poema epistolar, que se parece a um relato de carta e desdobra 'discurso e percurso', a influência de Bandeira se faz notar" (Grifo meu).

Bem entendido, se a autora corrobora a idéia de outra ensaísta de que há "um diálogo direto de Cabral com certos textos de Bandeira" (pág. 52, citação de F. Sussekind, "A voz e a série"), o que não é isento de alguma contestação; a partir daí, empregar-se a palavra "influência" do segundo poeta sobre primeiro é um salto demasiadamente largo. É que outra forma de referir-se ao "poema que se parece a um relato de carta" é meramente dizer tratar-se de um poema eivado de discurso prosaico, característica já sobejamente evidenciada como partícipe das poesias de João Cabral e Manuel Bandeira. Entretanto, e eis aqui o ponto nodal, a "estrutura da prosa" na qual se molda parte da poesia do autor de "Libertinagem" é, fundamentalmente, diferente daquela que emoldura a poesia de João Cabral de Melo Neto.

De fato, os "poemas prosaicos" de Manuel Bandeira caracterizam-se, em larga medida, por uma sintaxe verdadeiramente prosaica, não sendo poucos os seus poemas em que não comparece uma única metáfora ou símile; o que não excluiu que, em muitas dessas peças, ele tenha conseguido escapar do simples prosaísmo, quando o sentido total do poema ultrapassava a mera descrição linear ou, de modo sintético, quando o poema produzia uma epifania. Por outro lado, a "prosa da poesia cabralina" é prosa apenas no sentido em que o poeta de "Morte e Vida Severina" tratava muito de seus temas no seio de uma linguagem lógico-discursiva típica de textos escritos em linguagem prosaica. Ocorre que a sintaxe cabralina é, por oposição à de Bandeira, caracterizada por uma carga figurativa que, por extensão, torna a "semântica" de seus poemas mais próxima do universo da poesia do que do universo da prosa. Nesse sentido, pode-se asseverar que João Cabral construía os seus poemas por meio de uma abordagem singular que combinava a lógica do discurso da prosa, como molde, e a analogia do discurso poético, como estofado. Dessa forma (e por motivos que não se esgotam nesses argumentos) como argutamente observou Benedito Nunes, João Cabral é, congenitamente, um "anti-Bandeira" por excelência.

Como ressalvas menores a esse "O idioma pedra de João Cabral", não alterando, assim, o valor do conteúdo central do estudo, é preciso ainda considerar dois pontos: em primeiro lugar,



Divulgação

João Cabral de Melo Neto

equivoca-se Solange Rebuszi quando qualifica como versos livres os do poema "Pernambuco em mapa": "Só vai na horizontal/nos mapas em que o mutilaram;/em tudo é vertical:/dos sobrados e bueiros da Mata//até o mandacaru/que dá a vitalícia banana/a todos que do Sul/olham-no do alto da mandância". De fato, aqui o que se tem são versos polimétricos: "Pernambuco em mapa" é um poema constituído por três quadras, cada uma delas formada por dois versos hexassilábicos, um verso octassilábico e um eneassilabo, com o seguinte esquema métrico dentro da estrofe: 6/8/6/9. É que esse tipo de arranjo métrico não raramente engana mesmo aqueles que têm conhecimento sobre teoria da versificação. A metrificação cuidadosa, associada à análise do ritmo e da semântica de cada verso, revela a verdadeira estrutura desse poema cabralino, confeccionado dentro dos padrões clássicos do verso medido, e, definitivamente, não em versos livres.

Em segundo lugar, há alguns poucos descuidos na redação do livro, nada que uma próxima edição não possa facilmente sanar, como: "Roberto Vecchi comenta, as visões poéticas de Recife em Bandeira e João Cabral"; ou "Nesse ponto, consideramos a 'pedra' como que, comportando em seu peso as muitas outras poéticas que lhe habitam."; ou ainda, "Maurice Blanchot desvenda o seu *désœuvrement*, buscando, nas páginas escritas, compor um cenário vazio de verdade e certezas".

Tudo bem considerado, "O idioma pedra de João Cabral" faz parte, para retornar à imagem inicial, das águas mais recentes a passar sob a ponte cabralina, configurando-se, na mesma medida, como um livro proveitoso e não-indispensável. Não obstante isso, Solange Rebuszi inscreve, desde já, o seu nome no rol dos destemidos ensaístas que buscaram melhor compreender esse espécime único da poesia universal que é João Cabral de Melo Neto.

Daniel Mazza é escritor, doutor em Clínica Médica e autor de *Fim de Tarde e A Cruz e a Força*. www.danielmazza.com

Editorial

No dia 3 de janeiro tomou posse a nova ministra da Cultura, Ana de Hollanda, que comandará a pasta na gestão da presidenta Dilma Houssef. Esperamos que novos projetos de estímulo à leitura sejam criados e que a verba destinada à Literatura seja mais democrática.

Várias mudanças foram feitas na gestão anterior que mudaram os rumos da Cultura do nosso País. Mais incentivos para estimular a leitura, mais investimentos em livros em braille, mais bibliotecas e mais democracia na escolha dos livros didáticos. Entretanto a Literatura necessita de mais verbas e de um orçamento mais justo e mais democrático. Na área cultural, a Literatura sempre foi menos privilegiada. Não basta apenas criar bibliotecas é preciso abastecê-las e contratar bibliotecários para catalogá-las e escritores para fazerem cursos, palestras e oficinas. Faz-se necessário uma Lei de incentivo específica para a Literatura, para as entidades do setor e mais estímulo para a produção literária e para os novos autores.

Incentivo também para os jornais e revistas, que sobrevivem sem recursos e sem apoio da iniciativa pública e privada. Muitos interrompem a circulação, porque não conseguem se manter.

Linguagem Viva vem sobrevivendo ao longo dos seus 21 anos de existência, sem interromper a periodicidade. E, mesmo diante das crises econômicas que assolaram o País, não deixou de circular, embora sem cobrir quer seja o custo da impressão.

Para continuarmos cumprindo com o nosso papel em prol da democratização da leitura se faz necessário um aumento na assinatura do jornal. A anual, que era R\$ 54,00, passou para R\$ 60,00. A semestral foi para R\$ 30,00. Contamos com a compressão de nossos assinantes.

Aproveitamos para desejar aos nossos clientes, colaboradores e leitores um 2011 pleno de realizações, sucesso, amor, paz, saúde e muita leitura.



Copacabana

Rodolfo Konder

Nas madrugadas do Rio de Janeiro, anos 50, matávamos a bola 7, entre uma cerveja e outra, no Bar do Zé. Cigarro no canto da boca, ares de machos indomáveis, percorríamos a Avenida Atlântica, ao som das ondas que batiam nas areias brancas de Copacabana. Frequentávamos o Bolero, um cabaré perto do Lido, onde dançávamos com mulheres volumosas e bebíamos cuba libre. Era a nossa grande orgia.

Depois da sinuca, Luiz Fernando Pinto da Veiga ia sempre para casa – um apartamento no distante bairro do Leblon, que ficava depois do Bar 20 – porque já andava apaixonado pela Ana Maria e não lhe parecia justo se encharcar de álcool conosco, nos alvoreceres pecaminosos de uma boate. Outro tipo de disciplina nos roubava a companhia de Heitor Simões de Oliveira: ele acordava muito cedo, para treinar aikidô. Renato Claudio Alves Ribeiro, Paulo Saboya, Carlos Estrela, Gualberto Gomes e eu, no entanto, deixávamo-nos levar pelos inofensivos ventos das noites cariocas, o ar fresco que vinha do mar aberto, que nos chegava da escuridão como uma vaga promessa de irresistíveis aventuras.

Caminhávamos pela praia, às vezes pela própria Avenida N. S. Copacabana, víamos o governo JK com alguma simpatia, comemorávamos sempre com entusiasmo as realizações do mundo socialista, da União Soviética em especial. Mais do que as guerras e o macarthismo, porém, eram as mulheres que atraíam nossa atenção e nosso interesse. Gordas ou magras, loiras ou mulatas, altas ou baixas, negras ou índias, feias ou bonitas – elas nos fascinavam.

As madrugadas eram de caça. Nas esquinas, nos bares ou no Bolero. Terminavam no apartamento do Gualberto, no Posto 6, em alguma espelunca da zona sul, ou na Praia de Ipanema, para onde retornávamos a tempo de ver o nascer do Sol, frequentemente das pedras do Arpoador. Entre as ruas Farme de Amoedo e Montenegro, pela manhã, nos curávamos da ressaca, nadando como golfinhos, entre arraias e cardumes.

Durante o dia, depois de nos bronzear com as amigas e jogar tênis de praia, a gente se reunia na casa de alguém. Eu gostava de percorrer a Rua Nascimento Silva, hoje arborizada e linda. Ali naquela vila



morava-o Ivan Junqueira. Do lado de lá, viviam o Caveira e o Macaco, irmãos e amigos. Mais adiante, Otávio e sua bela irmã, Lúcia. Lá era a casa do "Padre", um adolescente que se recusava a matar passarinhos e ganhou esse apelido. Paulo "Gordo" tinha duas irmãs – Maria Helena e Maria Amélia, loiras e cobiçadas. Para os lados da Barão da Torre, morava a Marisa. Perto da esquina com Montenegro, o escritor Willy Lewin, sua mulher, d. Belinha, e a filha, Lucinha.

À noite, nos reuníamos com as amigas, na esquina de Montenegro e Nascimento Silva, no prédio onde morava a Eva. Com algumas ruas de terra, prédios baixos, os bondes sacolejantes, pouco barulho, praia limpa, Ipanema era um paraíso antes do pecado original. Nada mais adequado, portanto, que nos encontrássemos nos inocentes jardins de Eva.

Naquela época, namorávamos de mãos dadas, dançávamos na casa de alguma amiga nas noites de sábado, víamos os musicais da Metro, faroestes com John Wayne, policiais com Humphrey Bogart. Mas nossa rebeldia era política e se limitava à pregacão do socialismo e às cores avermelhadas do Partido Comunista.

Depois de conversar com as meninas – Heloísa, Lucy, Miriam, Aida, Norma, Wilma–, mergulhávamos na voragem das madrugadas. A vida, no Rio de Janeiro, era quase ingênua, pacata, sem violência, mas nada provinciana, como cabia ser a vida numa capital. O mundo era menor e mais puro. As orgias, menos devassas. Dos anos 50 para cá, tudo mudou. Mudaram os políticos, os conceitos, as paixões, a moeda, o futebol. Mas o passado ainda pode nos ensinar muita coisa. Ele nos oferece incontáveis lições de vida. Basta não esquecer-lo.

Rodolfo Konder é jornalista, diretor da ABI em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.



Cupom de Assinatura

Assinatura Anual: R\$ 60,00

Assinatura Semestral: R\$ 30,00

Nome: _____

Endereço: _____

Cidade: _____

Estado: _____ Tel.: _____

E-mail: _____

Depósito: Banco Itaú - Rosani Abou Adal ME -
agência: 0211- conta: 67518-6 - CNPJ: 61.831.012/0001-52

Envie cheque nominal ou vale postal à Rua Herval, 902
São Paulo - SP - 03062-000 - Telefax: (11) 2693-0392

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - Site: www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928-2004) e Rosani Abou Adal (MTB: 18194)

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

E-mail: linguagemviva@linguagemviva.com.br

Publicidade: Rosani Abou Adal - Telefax: (11) 2693-0392

CGC: 61.831.012/0001-52 - CCM: 96954744 - I.E.: 113.273.517.110

Distribuição: Encarte no jornal *A Tribuna Piracicabana*, distribuído em livrarias, faculdades, professores, escolas, escritores, entidades, assinantes, espaços culturais e bibliotecas.

Impresso nas oficinas de *A Tribuna Piracicabana*
R Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Ilustrações, selos e logo de Xavier - www.xavi.com.br

Os artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores.

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

Descobrimentos

O Navegador Cristóvão Colombo Seria Português

João Alves das Neves

Entre as várias hipóteses aventadas sobre a naturalidade de Cristóvão Colombo, destaca-se a de Génova, mas falta a documentação comprovante. E a de Barcelona é ainda mais fantasiosa.

Se fosse indiscutível a primeira dedução, porque é que ele não sabia falar e muito menos escrever alguns dos dialectos genoveses, já que o idioma que ele usou mais vezes foi o português e, depois, o velho castelhano, pois foi ao serviço dos Reis Católicos que ele consumou as viagens à América - o Rei D. João II de Portugal recusara o projecto, por saber que o caminho marítimo para as Índias era pelo Atlântico Sul e depois através do Índico. E tinha razão conforme o demonstrou Vasco da Gama.

Entretanto, retomemos o começo e os portugueses dominavam as rotas atlânticas e se não foram mais cedo à Índia e ao Brasil foi por respeitarem cronologicamente definidas as suas rotas de viagens. E se estas exigiam coragem, o resto tinha sido previamente traçado, porquanto os castelhanos seguiam na babugem lusitana e os outros europeus (da França, Inglaterra, Holanda, Itália e Inglaterra, todos à volta com convulsões independentistas), limitavam-se a espionar em Lisboa (leia-se Jaime Cortesão) os projectos, os mapas e as inconfidências de alguns traidores, porque, como disse Camões, entre os portugueses, traidores houve algumas vezes...



Cristóvão Colombo

Em relação a Colombo (nome talvez suposto), pode admitir-se que ele seria plebeu (como insinuam os genoveses), na falta de comprovação documentada, nem tão pouco o judeu de documentação, nem Lisboa (fevereiro de 1479) e, como está provado o grande navegador apesar de não ter chegado à Índia casou com D. Filipa Moniz Perestrelo, que foi Donatária da Ilha de Porto Santo, de quem teve o primogênito D. Diogo. Colombo (ou Colom) teve mais tarde outros dois filhos da espanhola Beatriz Torquemada, mas não chegou a casar-se com ela).

Entre mais de uma dezena de livros que pudemos compulsar em Lisboa, nos últimos meses Cristóvão Colom, o Almirante de Nobre Estirpe, de autoria da historiadora Julieta Marques, e Colombo Português de Manuel Rosa, os dois autores juntam-se aos especialistas que defendem a tese de que Cristóvão Colombo nasceu em Cuba, no Alentejo de Portugal. (Voltaremos ao assunto).

**João Alves das Neves é articulista, professor, escritor português e jornalista. jneves@fesesp.org.br
www.joaalvesdasneves.blogspot.com
www.revistalusofonia.wordpress.com**

Cem anos de Mauro Mota

Sonia Sales



Mauro Mota

Tenho uma amiga virtual chamada Marly; nos falamos todos os dias, mas nunca nos vimos. Marly é de uma imensa simpatia e mora no Recife. É pintora, escritora, jornalista, membro da Academia Pernambucana de Letras e, o que pouca gente sabe, pianista, mas como ela mesma diz, só toca para si mesma. Certo dia, descobri que o grande amor de sua vida chama-se Mauro Mota. Sim, não vou colocar no passado, porque o amor de Marly permanece inalterável. Foram casados por 34 anos.

Mauro Ramos da Mota e Albuquerque nasceu em Nazaré da Mata, zona açucareira de Pernambuco, em 16 de agosto de 1911. Foi professor, jornalista, cronista e memorialista, mas antes de tudo um poeta, um raro poeta que fez do cotidiano uma obra de arte. Seus poemas nos falam de sua terra com o respeito e a entrega que só os grandes podem ter.

O amor a Pernambuco o fez buscar maior conhecimento do seu povo e de sua gente e procurando usar uma narrativa de fácil compreensão para qualquer nível de escolaridade, soube imprimir sua personalidade, escrevendo com simplicidade numa linguagem coloquial, tornando-se um dos mais importantes escritores pernambucanos.

Por seus poemas recebeu inúmeros prêmios, sendo que o livro *Elegias*, publicado em 1952, foi premiado pelas Academias Brasileira e Pernambucana de Letras.

Um dos maiores poetas brasileiros, suas principais obras são *A Tecelã*, *Os Epiáfios*, *O Galo e o Cata-Vento*, *Canto do Meio*, *Antologia Poética*, *Itinerário* e *Pernambucânia*. Dos seus poemas, talvez o mais conhecido seja "Boletim Sentimental da Guerra no Recife". Pertenceu à Academia Pernambucana de Letras, e a 5 de janeiro de 1970 foi eleito um dos imortais da Academia Brasileira de Letras, na vaga deixada por Gilberto Amado.

A Chuva cai sobre o Recife

A chuva cai sobre o Recife devagar,
banha o Recife, apaga a lua, lava a noite, molha o rio,
e a madrugada neste bar.
A chuva cai no Recife devagar.
A chuva cai sobre os telhados das casinhas no subúrbio,
que estão no canto de onde a chuva veio.
A chuva cai, desce das torres das igrejas do Recife,
corre nas ruas, e nestas ruas, ainda há pouco tão vazias,
agora passam, de capote, transeuntes
do tempo longe, esses fantasmas de mãos frias.

Mauro Mota faleceu em 22 de novembro de 1984, com 73 anos, deixando um vazio nos corações pernambucanos.

Sonia Sales é membro da Academia Carioca de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN Clube do Brasil e da Sociedade Eça de Queiroz.

Débora Novaes de Castro



Antologias:

Poemas: *II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA*

Trovas: *II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS*

Haicais: *II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL*



Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Haicais: *SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS*

Poemas: *GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...*

Poemas Devocionais:
UM VASO NOVO...



Opções de compra: Livraria virtual TodaCultura: www.todacultura.com.br

via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:

Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Poética do Despojamento

Fábio Lucas

II

Vejam agora *A chave do mar* de Fernando Moreira Salles (S. Paulo: Companhia das Letras, 2010), coletânea de poemas acompanhados de desenhos de Paulo Monteiro.

Além do autor, é importante mencionar o desenhista, pois ambos, cada qual na sua especialidade, condensam ao extremo os meios de comunicação artística. Há um rigor e um refinado uso de palavras e de traços que fazem do livro, além da contextualização poética, um objeto de valor estético. Os poemas, contidos, exprimem-se mediante ajuda do espaço gráfico, ocupado em digna formação visual.

Toda a obra, portanto, na sua concepção, tem vida própria e, ao mesmo tempo, reage contra o plebeísmo literário que avassala os grandes veículos de informação. A vasta consagração do desleixo formal, ancorada nas improvisações e no repentismo, alimenta o triunfalismo comercial da mídia, que faz da publicidade o paradigma da arte literária.

A chave do mar se afasta do relaxamento dos hábitos culturais. Trata-se de uma investigação acurada, consciente, contínua, do jeito como o enuncia o poema "Linguística":

"Busco
um idioma

Busco
a palavra nua
que as palavras
escondem"

A reiteração do verbo "buscar" indica, para o "eu poético", o rumo da "palavra nua", justamente aquela "que as palavras // escondem." O leitor colhe imediatamente a mensagem subliminar: uma coisa é a procura da "palavra nua", outra coisa são "as palavras" que a ocultam.

Essa intuição do não sabido encontra-se com frequência na obra inesgotável de Fernando Pessoa. Em poema de 1920, ele deitou este verso: "Entre mim e o que sou há a escuridão."

Ambos os exemplos, "Linguística" de Fernando Moreira Salles e o verso de Fernando Pessoa, conduzem-nos a concluir que a grande poesia guarda dentro de si certa margem de reflexão, cuja receptividade irá demandar percep-



ções afins. O texto ajeitado ao gosto da massa, para fins de vendagem, corre o risco precoce de súbito desaparecimento. Entra no breve tempo da moda, que se afigura frívola e efêmera.

Fações políticas e religiosas, especulações filosóficas e sociológicas, artes literárias, eruditas e populares, o vasto universo semiológico, publicitário, médico, jurídico, geográfico, religioso, codificações icônicas e digitais, tudo isso, enfim, compõe o infinito panorama inter e transcomunicativo da sociedade.

A vida comunitária dos agrupamentos metropolitanos emite e recebe sinais a cada fração de segundo. Dentre os agentes comunicadores sobressai o poeta, cujo idioma idiossincrático recolhe sinais singulares e os organiza num discurso simbólico, polissêmico, exclusivo e inigualável para registrar os conflitos e as ansiedades do homem, durante a sua passagem pelo mundo.

O poeta confere ao discurso poético a tarefa da descoberta de lugares recônditos do mundo, como suprema tentativa de conceder imortalidade às palavras. Certas palavras.

A chave do mar, na sua aparente simplicidade, é conquista intencional de alta competência verbal. Os poemas se sucedem ao impulso de palavras e construções raras, nas quais o fator de risco se denuncia a cada passo. Exemplo, o poema "Trapézio", cujo título já denuncia a emoção circense de desafiar o limite:

"uma luz
desabrida

um rufar
de tambor

só mesmo
aquele instante"

O mesmo conteúdo se observa no poema "Travessia", cujo final transcrevemos adiante:

"Viajo
senhor das velas
do sextante
e das estrelas
Só me falta
chegar"

Também em "Voz", depois do enunciado de que "Algo/ me nomeia/ busca minha mão", chega-se a um termo final decepcionante:

"Não diz
onde é o poente
se a noite será calma
se a onda
leva ao dia
se há tempo
de um aceno"

Esse encadeado de citações, além de pontuar a rigorosa seleção de palavras, emoções e de idéias, torna evidente o cunho elegíaco dos poemas. Com efeito, da leitura de *A chave do mar*, colhem-se cláusulas de inexorável fragilidade das aspirações. O poema "Navegante" põe à mostra o sentimento de perda e da brevidade da espera. Curiosamente o poema à p. 20, "Navegante", se conjuga ao poema seguinte: "Noite", à p. 21, como a dizer que o melhor se encontra sempre em outro lugar, outra época.

Não é outro o sentido do poema "Ícaro", duplamente simbólico, ao casar o mínimo lume de esperança. Na mesma direção se coloca o poema "Ritos de passagem", que cultiva o espírito geral de fatalismo catastrófico que se dissemina pela coleção inteira. A iminência do trágico se desenha

na "Anotação de viagem", tão poderosamente sintético: "Só me sei/ onde não sou".

O poeta se traça a perseguir a memória dilacerada, como se nota em "Memorando". Os poemas "Abismo" e "Galo" ilustram bem o diálogo do traço do desenhista com a fabricação criteriosa dos textos, curtos e expressivos.

A chave do mar de Fernando Moreira Salles não se circunscreve ao drama existencial. Expõe do mesmo modo o duro ofício de produzir poesia. E, discretamente, em epígrafes e citações, diretas ou indiretas, aponta para outros autores, companheiros da formação e do diálogo do poeta com a alta literatura. Marcel Proust, por exemplo, entremostra sua face inconfundível em "Contra Rousseau" e "Proustiana". E se esconde por detrás de um Platão desolado, que se oculta, por sua vez, nas epígrafes dos poemas "Cidades imaginárias" e "de tempo e de vento". Assim, Fernando Moreira Salles recorta de J. Cortazar: *Lo que se pierde/ es lo que se queda* e de A. Machado: *Todo passa/ y todo queda*.

Nem tudo, entretanto, são perdas e ganhos. Temos, também, no escasso poema "Ave", a celebração do momento indescritível de epifania, o raro, raríssimo instante de beleza plena:

"Nem partida
nem retorno
só
o voo breve
riscando a tarde".

Fábio Lucas é escritor, crítico literário e membro da Academia Paulista de Letras.

**Ilustrações
Pinturas
Caricaturas**

Rua Ismael Neri, 410
Santana - São Paulo - SP
(11) 2204-0098
(11) 7958-6182
(14) 9161-0675
xavierlima@terra.com.br
www.xavi.com.br

XAVIER

Acerca de Astrojildo Pereira

Dimas Macedo

Se no Brasil, efetivamente, segundo o pensamento de Leandro Konder, houve uma derrota da dialética, pertinente à recepção das idéias de Marx, na primeira metade do século precedente, creio que essa assertiva não pode ser aplicada ao caso de Astrojildo Pereira.

Autodidata de formação erudita, militante político aguerrido, estrategista da ação política de esquerda e crítico literário com excelente acolhida pelo nosso estrato acadêmico, Astrojildo Pereira passou para o escaninho da história como um dos nossos melhores ensaístas.

Devemos a Astrojildo a fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922, e a manutenção do ideal socialista, entre nós, mas sem descuidar, esse vero pensador marxista, da sua filiação à causa comunista e ao discurso da ideologia democrática

Astrojildo Pereira nasceu em Rio Bonito (RJ). Foi anarquista na juventude e destacou-se, em 1913, como um dos promotores do II Congresso Operário Brasileiro, iniciando na imprensa de orientação marxista a sua carreira de jornalista e de agitador de idéias culturais de esquerda.

Na sua produção de jornalista deixou o nosso Jildo a marca da sua consciência cultural. Foi redator do jornal *A Causa Operária*, órgão oficial do PCB, mas em 1931 desligou-se do Partido, passando a fazer crítica literária, ofício no qual se distinguiu, a ponto de ser considerado um Mestre da observação e da análise do texto.

Como estudioso de Machado de Assis, revolucionou a interpretação e a estética da recepção da obra do grande escritor brasileiro, atentando para a singular conjugação de contrastes que marcou a vida tímida e sensual do nosso maior romancista.

Em 1939, Astrojildo Pereira deu a público o seu ensaio pioneiro - *Machado de Assis, Romancista do Segundo Reinado*, no qual deixa transparecer a sua intuição de humanista e a sua cultura literária, chamando-nos a atenção para o fato de que o escritor é o desdobramento do homem, e que "em Machado de Assis coexistem e completam-se o analista rigoroso e frio e o criador empolgante".

Posteriormente, em 1958, o seu livro pioneiro sobre Machado de As-

sis seria reeditado pela Livraria São José, do Rio de Janeiro, tendo a sua terceira edição sido publicada em 2008, pela Editora da Fundação Astrojildo Pereira, com o título sensivelmente modificado para *Machado de Assis – Ensaios e Apontamentos Avulsos*.

O título e o conteúdo do livro foram modificados para atender a um fim: ao rigor com que o organizador da edição, Martin Cézar Feijó, esmerou-se em acostar ao texto original diversos ensaios e artigos escritos por Astrojildo, em diversas oportunidades, tendo Machado de Assis como objeto de reflexão e de pesquisa.

No prefácio escrito por Ivan Junqueira, especialmente para essa edição primorosa do ensaio de Astrojildo Pereira, podem ser observadas as linhas de força da sua crítica literária e a exposição do rigor analítico com que o ensaísta minutava a sua metacriação no plano da cultura.

Além dos anexos que foram recolhidos no final do volume, sobem a vinte

e dois o número dos escritos avulsos do autor que foram acrescentados ao texto inicial, todos ao redor de Machado de Assis ou tendo como fundo a sua perspectiva cultural.

O belo filme de Zelito Viana, intitulado *A Última Visita* e encartado nesta nova edição, empresta, com certeza, um brilho especial ao projeto. Refere-se Zelito à visita inusitada que fez o jovem pensador marxista, Astrojildo Pereira, ao Bruxo do Cosme Velho no seu leito de morte, e que não passou despercebida por Euclides da Cunha.

Faço o destaque desse importante ensaio de Astrojildo Pereira especialmente com o fito de mostrar o quanto ele continua atual. E no mais eu gostaria de lembrar que os últimos estudos sobre Machado de Assis caminham exatamente em sua direção, isto é, revelam-se tendo como ponto de partida a perspectiva que Astrojildo colocou em debate.

Astrojildo Pereira não foi apenas um militante político de esquerda: foi um grande crítico literário também. Um crítico literário integral. Um pensador marxista incomum. E um homem que fez da sua vida um exemplo de amor à causa social.

Dimas Macedo é escritor, crítico literário, jurista, poeta e ensaísta.

Divulgação



Astrojildo Pereira

A Notícia

Caio Porfírio Carneiro

Cochichou rápido ao amigo:

- Conta tudo para ela.

- Ela não sabe?

- Creio que não.

- Você deseja mesmo?

- Conta. Ela está parada, esperando para atravessar a rua. Vá. Vá. - Tudo bem.

Respirou fundo e deixou-o ali parado sob a árvore frondosa, jogando farelos aos pombos, insistindo:

- Vai logo. Ela atravessa a rua.

- Fica calmo.

Apressou o passo, aproximando-se dela. O sinal não abria. Falou-lhe ao ouvido. Ela se virou, arregalou os olhos, descobriu-o debaixo da árvore, divertindo-se com os pombos.

- Foi aquele canalha quem lhe mandou dizer isto? Mentira dele.

Ela veio de lá, ligeira, uma bala. Muitos pombos voaram com as bordoadas que deu nele com a sacola de ombro.

- Toma. Mentira. Toma.

Passantes paravam, perplexos.

Ela voltou pisando firme, deu a última bordoadada no que lhe dera a notícia.

Ele, meio atordoado, refazendo-se da agressão sofrida, deixou a árvore e os pombos em paz e, num ímpeto, foi-lhe ao encalço. Ela atravessou a rua entre os carros. Ele, ouvindo buzinas e palavrões, não a

perdeu de vista. Alcanço-a alguns quarteirões adiante. Tomou-a pelo braço. Ela parou, olhou-o firme nos olhos, depois para o chão. O banco da praça ali perto, deserto. Lentamente, calados, dirigiram-se para lá. Sentaram-se. Ela, meio soluçando, examinava os objetos da sacola. Ele olhava o céu. O tempo e o silêncio corriam.

Ela abraçou-se à sacola sobre as pernas. Cobriu o rosto com as mãos:

- Verdade mesmo?

- Juro.

- Como pôde acontecer, meu Deus?

- Não sei.

- Desculpe as pancadas que lhe dei. Mas você bem merecia.

- Nunca.

- Quem era aquele seu amigo que me deu a notícia?

- Você não o conhece. Essas coisas correm rápido.

Ela alisava a bolsa nas pernas e ele roia as unhas.

A voz dela tremia:

- E agora?

- Sei lá.

Ela passou a soluçar baixinho. Lágrimas vinham aos olhos dele.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, crítico literário e secretário administrativo da União Brasileira de Escritores.

Vestibular & Concursos



Sonia Adal da Costa

1- Coloque (C) ou (E):

() Faziam meses que ele não aparecia.

() Existe muitas pessoas ali.

() Estou te esperando a meses.

() Estou quites com os impostos.

() Hoje sou eu que paga a conta.

() Estou quite com os impostos.

R: Todas estão erradas, exceto a última. O verbo é impes-

soal, portanto fica no singular.

O verbo existir deve concordar com o sujeito.

A palavra quite concorda com o sujeito.

Quando o pronome for que o verbo concordará com o pronome pessoal eu que pago.

2- Qual destas palavras está correta?

Sobrancelha, impecilho, desinteria, precilégio, beneficiante, esceção e excesso.

R: Sobrancelha.

Sonia Adal da Costa, professora de cursos preparatórios para concursos públicos e vestibular, formada pela Universidade de São Paulo, é pós-graduada em Teatro Infanto-Juvenil pela Universidade de São Paulo. portsonia@ig.com.br

Martins, editor-símbolo de São Paulo

Gabriel Kwak

Capítulo saliente da história do livro no Brasil é a Livraria Martins Editora, de São Paulo, de propriedade de José de Barros Martins, um dos bandeirantes que espalharam livros pelo país e apostaram no saber e no conhecimento.

Num ramo carente de apoios oficiais e cheio de riscos, editores como Martins enfrentam o desafio de fazer com que o leitor abra a carteira e pague por um bom título num país cuja média de leitura é 1,8 livro *per capita* e *per anum*. Na Colômbia a média é de 2,4...

Bancário de formação, o refinado Martins principiou como importador de livros, mais precisamente a 5 de abril de 1937. A Segunda Guerra Mundial, no entanto, fez com que as importações de títulos da Europa fossem proibidas. De importador, Martins transformou-se em editor, publicando de cara *Direito Social Brasileiro*, do professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, Cesarino Jr., matéria nova criada a partir das novidades de Getúlio Vargas no campo do Direito do Trabalho.

Sempre priorizava temas brasileiros nas obras de seu catálogo. Pode-se afirmar que a Martins deveu muito da sua sobrevivência às sucessivas tiragens esgotadas de Jorge Amado. Autores como Lygia Fagundes Telles, Sérgio Milliet, Menotti Del Picchia e Guilherme de Almeida eram oferecidos em seu eclético catálogo.

Martins é até hoje lembrado pela edição da já referida brasileira "Biblioteca Histórica Brasileira", seminal por divulgar a literatura histórica dos viajantes estrangeiros que aqui estiveram como Debret, Saint-Hilaire e Ribeyrolles. Ademais, ainda não foi suficientemente dimensionado o serviço prestado pela Coleção Mosaico, também da Martins, para a ensaística brasileira, reunindo o melhor da crítica

literária, um timaço enriquecido por Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Roger Bastide, Sérgio Buarque de Holanda e outros mais (com livros em formato de 17 cm de altura, de fácil portabilidade). "Foi praticamente o Martins que criou as tardes de autógrafos. Foi um pioneiro, um *gentilhomme*, foi em São Paulo o que o José Olympio foi lá no Rio. A casa dele, na Rua Abílio Soares, era um ponto de reunião de tudo de notável que passou por São Paulo", opina o poeta Paulo Bomfim, que teve 15 livros publicados pela Martins, inclusive o seu primeiro, *Antônio Triste*.

José de Barros Martins se preocupava obsessivamente com a excelência do projeto gráfico de suas edições. Tanto assim que recrutou um *dream team* das artes plásticas brasileiras para embelezar as capas dos livros da Livraria Martins Editora (Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, J. Wash Rodrigues, Tomás Santa Rosa e Aldemir Martins.) "Até então, ressalvadas as honrosas exceções de praxe, as capas, por exemplo, deviam-se quase que exclusivamente a desenhistas comerciais, sem maior espírito artístico ou criador", escreveu Mário da Silva Brito no livro comemorativo *Martins 30 anos*. Martins fazia questão também da qualidade do papel das obras. Era conhecida sua faceta de enófilo, de *gourmand* e de grande anfitrião.

Não se conformava em não ter os direitos de publicação de *Os Serões*, de Euclides da Cunha – não gostava do acabamento das edições que estavam na praça.

Até o fim de 1966, Martins colocou nas livrarias cinco milhões de exemplares.

Em 1974, engolido pela recessão, soterrado pelo impacto da crise do petróleo de 1973, Martins viu-se obrigado a liquidar sua empresa.

Gabriel Kwak é jornalista e diretor da União Brasileira de Escritores.

Notícias de Piracicaba

Dalcides Biscalquin lançou *A vida é feita de escolhas*, pela Edições Loyola, no dia 14 de dezembro na Livraria Nobel do Shopping Piracicaba. A obra tem prefácio de Gabriel Chalita.



O Grupo Oficial Literária de Piracicaba marcou a próxima reunião para o dia 14 de fevereiro, segunda-feira, às 19h30, na Biblioteca Municipal Ricardo Ferraz de Arruda Pinto, Rua Saldanha Marinho, 333 – Centro. <http://golpiracicaba.blogspot.com/>

O Sarau Literário Piracicabano, coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, prestará homenagem a Cartola e a José Alcencar. O próximo evento, que contará com participação do Regional do Sarau Literário Piracicabano, será realizado no dia 15 de fevereiro, terça-feira, às 19h30, no Teatro Municipal Losso Netto, Centro. <http://agendaculturalpiracicabana.blogspot.com/>

O 5º Concurso de Poesia e Prosa da SPPA divulgou o resultado. **Categoria Prosa:** 1º lugar - *Eu, o menino e o cão*, de Fátima Soares Rodrigues; 2º - *O Burrinho Nicomedes o Novo Milênio*, de Pedro Diniz de Araujo Franco; e 3º - *A Garota Má e o Lobo Vermelho*, de Denise Constantino da Fonseca. **Menções Honrosas Categoria Prosa:** *O menino visionário*, de Condorcet Aranha, *Vida de Gato*, de Leda Coletti, e *Vizinhos*, de Maria Aparecida Sanches Coquemala. **Categoria Poesias:** 1º lugar - *Vida de Cachorro*, de Otávio Egidio Roggiero Neto, 2º - *Aracuri*, de uraci da Silva Martins, e 3º - *Focinhos Vira-Latas*, de Claudia Zippin Ferri. **Menções Honrosas Categoria Poesia:** *Nossos Momentos*, de Sarah de Oliveira Passarella, *Emoções do dia a dia*, de André B. Oliveira e *Eco Lógico*, de Evelise Hey.

Tsunami

Betty Vidigal

a casa debaixo d'água
sombrias andam pelos cantos
meninas e frutas na cozinha
na parede
um relógio
onisciente
tiquetaqueia exausto

– e o tempo sempre parado

mas a água se move e ondula
abre fendas nas paredes da sala

as camas no mesmo lugar
com suas colchas molhadas
estendidas com cuidado
sob as águas

e ainda há flores nos vasos
entremeadas de algas

e as estantes da sala
escuras, sólidas
sem se abalar suportam
o peso
dos livros mortos

só os cabelos das meninas flutuam
no ritmo azul das águas

Concurso Nacional de Poesia Helena
Kolody 2010 - menção honrosa

**Betty Vidigal é escritora,
poeta, contista e jornalista.**

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64

São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

LINGUAGEM VIVA

www.linguagemviva.com.br



Edição impressa
on line

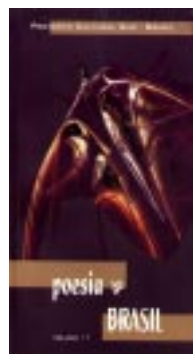
(11) 2693-0392 - 7358-6255

Linguagemviva@linguagemviva.com.br

Consulte nossa tabela de preços



Lançamentos & Livros



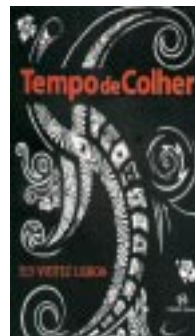
Poesia do Brasil, volume 11, antologia organizada por Ademir Antônio Bacca e Cláudia Gonçalves, Editora Grafite, Bento Gonçalves, RS, 342 páginas. A obra, lançada com apoio do Projecto Cultural Sur/Brasil, presta homenagem aos 80 anos de Ferreira Gullar. A obra reúne poemas do homenageado e de 59 poetas, entre os quais Alcides Buss, Aricy Curvello, Carpinejar, Jiddu Saldanha, Laura Esteves, Ronaldo Werneck, além dos poetas visuais (o brasileiro Hugo Pontes e o português Fernando Aguiar). A obra foi distribuída em bibliotecas, escolas e colégios de Bento Gonçalves. ISBN: 978-85-62689-30-7. **Projecto Cultural Sur/Brasil:** adebach@gmail.com

Tempo de Colher, crônicas de Ely Vieitez Lisboa, Funpec - Editora, 318 páginas, Ribeirão Preto, SP.

A autora é escritora, professora, poeta, romancista, crítica literária e membro da Academia Ribeirãopretana de Letras.

A obra abriga 140 textos que foram escritos de 2006 a 2010 e publicados no jornal *A Cidade*, de Ribeirão Preto, na página 2 das edições de domingo do Caderno C. ISBN: 978-85-7747-050-1.

Funpec - Editora: www.funpecrp.com.br/loja



Caminho de meus Andares, Hilda Mendonça, Scortecci Editora, São Paulo, SP, 136 páginas. A autora é escritora, contista, cronista, poeta e membro fundador da Academia Taguatinguense de Letras. *Segundo Raquel Magela Lemos*, "Sua preocupação não é com a métrica, o verso perfeito e sim com o fluir dos sentimentos em seus muitos "andares". Diante de fatos, lugares e pessoas, Hilda nos passa a sua visão de mundo". ISBN 978-85-366-1729-9.

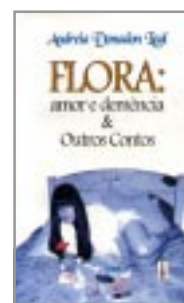
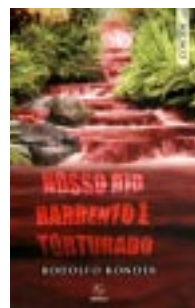
Scortecci Editora: <http://www.scortecci.com.br>

Nosso Rio Barrento e Torturado, Rodolfo Konder, RG Editores, São Paulo, SP, 143 páginas.

O autor é escritor, jornalista, diretor da ABI - Associação Brasileira de Imprensa - em São Paulo e membro do Conselho Municipal de Educação.

A obra reúne crônicas que retratam o período da Ditadura Militar. Alguns textos foram publicados no jornal *Linguagem Viva*. ISBN: 978-85-7952-020-4

RG Editores: www.rgeditores.com.br - Tel.: (11) 3105-1743.



Flora: amor e demência & Outros Contos, de Andreia Donadon Leal, Aldrava Letras e Artes, Mariana (MG), 182 páginas. A autora é escritora, poeta, artista plástica e pós-graduada em Artes Plástica, Cultura e Educação.

Segundo Manoel Hygino dos Santos, no presente volume "se encontram contos de dimensão física vária, mas de conteúdo profundo. São escritos de teor denso, mesmo denso.". ISBN: 978-85-89269-41-4.

Jornal Aldrava: www.jornalaldrava.com.br

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares - Digitação

Tel.: (11) 2796-5716 - portsonia@ig.com.br

Concursos

7º Prêmio Passo Fundo Zaffari & Bourbon, instituído pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, destinado ao melhor romance de língua portuguesa publicado entre junho de 2009 e maio de 2011, está com inscrições abertas até o dia 15 de junho. Os interessados poderão inscrever apenas um romance. É necessário enviar pelo correio seis exemplares da obra, acompanhados de breve currículo do autor e da ficha devidamente preenchida. **Premiação:** R\$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil reais). O vencedor será anunciado na sessão solene de abertura da 14ª Jornada Nacional de Literatura, que será realizada no dia 22 de agosto de 2011, em Passo Fundo, RS. Informações pelos telefones (54) 3311-5411 e 3316 8368. E-mail jornada@upf.br. Bourbon Shopping de Passo Fundo - Central de Atendimento, Av. Brasil Leste, 200 - 99050-000 - Passo Fundo - RS.

Concurso Nacional de Literatura Infanto-Juvenil "Alcione Lüneweber - Mila Behrendt" - Edição 2011, promovido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Secretaria de Cultura e Turismo e do Conselho Municipal de Cultura, está com inscrições abertas até o dia 31 de março, com tema sobre lendas de Ponta grossa. Os interessados deverão enviar uma história inédita, em quatro vias digitadas. É obrigatório o uso de pseudônimo. Categorias: 1- para leitores iniciantes de 5 a 7 anos; 2- para leitores em processo de 8 a 10 anos; e 3- para leitores fluentes e críticos de 11 a 13 anos. As histórias premiadas serão publicadas pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo. **Premiação:** Cada categoria terá dois prêmios no valor de R\$ 1.200,00. Um dos prêmios de cada categoria será conferido para escritores natos ou residentes na cidade de Ponta Grossa. **Regulamento:** www.pontagrossa.pr.gov.br/agendacultural

Concurso Nacional de Crônicas "Fernando Vasconcelos" - Edição 2011, promovido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Secretaria de Cultura e Turismo e do Conselho Municipal de Cultura, está com inscrições abertas até o dia 31 de março. O tema é livre. Os interessados poderão inscrever até três crônicas inéditas. **Premiação:** Serão conferidos seis prêmios de R\$ 1.000,00 cada. Do conjunto de seis prêmios, três serão concedidos para escritores residentes na cidade de Ponta Grossa. Os interessados poderão inscrever até três crônicas sob o uso de pseudônimo. Será publicada uma antologia com os seis primeiros colocados e com os quinze classificados com menções honrosas. Tel.: (42) 3901-1605. **Regulamento:** www.pontagrossa.pr.gov.br/agendacultural

Concurso Nacional de Contos "Miguel Sanches Neto" - Edição 2011, promovido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Secretaria de Cultura e Turismo e do Conselho Municipal de Cultura, está com inscrições abertas até o dia 31 de março. O tema é livre. Os interessados poderão inscrever até três trabalhos inéditos. **Premiação:** Serão conferidos seis prêmios de R\$ 1.000,00 cada. Três serão concedidos para escritores residentes na cidade de Ponta Grossa e os demais para autores de outras cidades. É obrigatório o uso de pseudônimo. Será publicada uma antologia com os trabalhos classificados. **Regulamento:** www.pontagrossa.pr.gov.br/agendacultural

Concurso Nacional de Poesias "Brasil Pinheiro Machado" - Edição 2011, promovido pela Prefeitura Municipal de Ponta Grossa, através da Secretaria de Cultura e Turismo e do Conselho Municipal de Cultura, está com inscrições abertas até o dia 31 de março. O tema é livre. Os interessados poderão inscrever até três trabalhos inéditos. **Premiação:** Serão conferidos seis prêmios de R\$ 1.000,00 cada. Três serão concedidos para escritores residentes na cidade de Ponta Grossa e o restante para autores de outras cidades. É obrigatório o uso de pseudônimo. Será publicada uma antologia com os poemas classificados. Tel.: (42) 3901-1605. **Regulamento:** www.pontagrossa.pr.gov.br/agendacultural

LIVRARIA BRANDÃO

Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.lbususedbookshop.com.br

Notícias

Divulgação



Galeno Amorim

Galeno Amorim, jornalista, escritor e diretor do Observatório do Livro e da Leitura, é o novo Presidente da Fundação Biblioteca Nacional. Galeno exerceu o cargo de secretário de Cultura de Ribeirão Preto na gestão do então prefeito Antonio Pallocci, de presidente do Comitê Executivo do Centro Regional de Fomento ao Livro na América Latina e no Caribe. Participou da criação do Plano Nacional do Livro e Leitura.

Ana de Hollanda, ministra da Cultura, foi empossada no dia 3 de janeiro, no Museu da República – Esplanada dos Ministérios, em Brasília.

O Ministério da Cultura, através do Programa Mais Cultura, em parceria com o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, implantará minibibliotecas nas indústrias da região do ABC. Serão investidos R\$ 700 mil na ampliação dos “Pontos de Leitura nas Fábricas”.

Joaquim Maria Botelho, presidente da União Brasileira de Escritores, em mensagem enviada à Ana de Hollanda, ministra da Cultura, ressaltou sobre a disposição em prosseguir os trabalhos iniciados em 2010, em especial a participação do Brasil na Feira Internacional do Livro de Frankfurt de 2013, como país homenageado.

A LB - Revista de Literatura Brasileira, editada por Aluysio Mendonça Sampaio, que circulou de 1996 a 2008, voltou a circular, com a autorização de seus herdeiros, em parceria com o PEN Clube do Brasil e a Editora Scortecci. O primeiro número abriga trabalhos de Caio Porfírio Carneiro, Carlos Felipe Moisés, Cláudio Murilo Leal, Fábio Lucas, Lêdo Ivo, entre outros. O editor responsável é Izacyl Guimarães Ferreira e a publicação conta com a colaboração de Betty Vidigal e Marcus Vinicius Quiroga. No conselho editorial estão Cláudio Murilo Leal, João Scortecci e Fábio Lucas. O projeto gráfico é de Ana Carolina Trindade e Gabrielly Santos. A circulação é semestral e a distribuição é gratuita.

José Mariano Beltrame, Secretário de Segurança do Estado do Rio de Janeiro, foi agraciado com a Medalha Joaquim Nabuco, instituída pela Academia Brasileira de Letras para homenagear personalidades e instituições que se destacam pelos relevantes serviços à cultura nacional e a projetos de recuperação social. A láurea foi entregue no dia 29 de dezembro.

Moacyr Scliar, que está internado desde o dia 11 de janeiro no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, sofreu um Acidente Vascular Cerebral no dia 16 de janeiro.

Hilda Gouveia de Oliveira lançou *A Outra Ponta do Fio*, pela Scortecci Editora, no dia 5 de janeiro na Livraria Argumento do Rio de Janeiro.

A Academia Brasileira de Letras realizou a solenidade de posse da nova diretoria no dia 16 de dezembro de 2010. Marcos Vinicius Vilaça preside a entidade por mais um ano e a diretoria será composta por Ana Maria Machado (secretária-geral), Domicílio Proença Filho (primeiro-secretário), Murilo Melo Filho (segundo-secretário) e Geraldo Holanda Cavalcanti (tesoureiro).

Mariângela Haddad lançou *O sumiço da pantufa*, pela Coleção Barco a Vapor – Série Branca. A obra foi laureada, em 2009, com 5º Prêmio Barco a Vapor de Literatura Infantil e Juvenil.

A Batalha de Porto Alegre: 3 de outubro de 1930, de Sinval Medina, foi lançada pela Martins Livreiro Editora.

O Plano Nacional do Livro e Leitura lançou *PNLL - Textos e Histórias (2006-2010)*. A obra reúne artigos e os principais documentos produzidos no setor de eventos.

Tantos Anos, 2ª edição, autobiografia, de Rachel de Queiroz e Maria Lúiza de Queiroz, foi lançada pela Editora José Olympio em comemoração ao centenário da acadêmica. A obra apresenta um encarte com fotos.

O Blog Revista Lusofonia, www.revistalusofonia.wordpress.com, foi atualizado com textos de João Alves das Neves, José Simões Dias, João Luso, António Lopes Machado, entre outros.

A Sociedade Fluminense de Belas Artes e a Ordem dos Advogados Brasil outorgaram a Medalha Joaquim Nabuco a Andreia Aparecida Silva Donadon Leal, pelo destaque no mundo da arte e da cultura brasileira.

Poesia do Brasil 11, antologia organizada por Ademir Antônio Bacca, pela Editora Grafite, com apoio do Proyecto Cultural Sur/Brasil, que foi lançada durante o XVIII Congresso Brasileiro de Poesia, em Bento Gonçalves (RS), em outubro de 2010, presta homenagem aos 80 anos de Ferreira Gullar. A antologia reúne poemas do homenageado e de 59 poetas, entre os quais Alcides Buss, Aricy Curvello, Carpinejar, Jiddu Saldanha, Laura Esteves, Ronaldo Werneck, além dos poetas visuais (o brasileiro Hugo Pontes e o português Fernando Aguiar). A obra foi distribuída em bibliotecas, escolas e colégios de Bento Gonçalves.

A União Brasileira de Escritores está organizando o V Congresso Brasileiro de Escritores, que deverá ser realizado entre os dias 12 e 15 de novembro na cidade de Ribeirão Preto (SP). www.ube.org.br

A União Brasileira de Escritores, em decorrência dos seus 53 anos de fundação ocorrido no dia 17 de janeiro, homenageou Hernâni Donato – o mais antigo associado em atividade.

J.S.Ferreira lançou *Meu São Gonçalo do Rio Abaixo* (memórias), com apoio da Prefeitura Municipal de São Gonçalo do Rio Abaixo – MG.

Marcos Monteiro é o novo presidente da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Assumiu, no dia 17 de janeiro, o cargo ocupado por Hubert Alquéres.

O Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação distribuirá, em 2012, dicionários com a nova ortografia em toda a rede de ensino fundamental e médio.

A Biblioteca Mário de Andrade será reaberta no aniversário da cidade de São Paulo, no dia 25 de janeiro.

A Associação Paulista dos Críticos de Arte classificou em 2010, na categoria Literatura, *Minha mãe se matou sem dizer adeus* (romance), de Evandro Affonso Ferreira, *Ideologia e contra ideologia* (ensaio), de Alfredo Bosi, *Sou eu!* e *O nervo da noite* (infanto-juvenil), de João Gilberto Noll, *A duração do dia* (poesia), de Adélia Prado, *Ficção interrompida* (contos/crônicas/reportagens), de Diógenes Moura, *Memórias de um historiador de domingo* (biografia), de Boris Fausto. Paulo César de Souza foi laureado pela tradução das obras completas de Freud e Jacó Guinsburg será agraciado com um prêmio especial por sua atuação na Editora Perspectiva.

Aricy Curvello participou, em 2010, de três antologias organizadas em homenagem aos 80 anos de Ferreira Gullar. *Poesia do Brasil 11* foi organizada por Ademir Antônio Bacca; *Simplemente Poesia*, foi preparada por um grupo de poetas do Rio de Janeiro e lançada no dia 30 de novembro, no XII Festival Carioca de Poesia; e *Vozes na Paisagem*, pela Editora carioca Edições Galo Branco.

A Editora LeYa Brasil e a Casa do saber lançaram o livro *Contra um mundo melhor*, do filósofo Luiz Felipe Pondé.

O Espaço Cultural Alberico Rodrigues, Praça Benedito Calixto, 159, em Paulo, disponibiliza a sua programação no twitter e através do site www.albericorodrigues.com.br. www.twitter.com/espacoalberico.

Preparação e Revisão de Textos na Edição de Livros e Publicações Periódicas, curso ministrado por Ana Cristina Mendes Perfetti, será realizado no dia 8 de fevereiro, das 16 às 20 horas, na Escola do Escritor. Informações:(11) 3034.2981 - www.escoladoescritor.com.br.

Ely Vieitez Lisboa lançou *Tempo de Colher*, pela Funpec Editora.

A Editora da Universidade Federal de São Carlos lançou *Movimento estudantil e repressão política: o ato público na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977) e o destino de uma geração de estudantes*, de Renato Cancian. A obra é resultado da tese de doutorado de Cancian, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais da UFSCar.

A Fundação Conrado Wessel divulgou os vencedores da nona edição do *Prêmio FCW Ciência e Cultura 2010*. Os laureados foram Jairton Dupont (Ciência), Dra. Angelita Habr-Gama (**Medicina**) e Nelson Pereira dos Santos (**Cultura**).

Ian McEwan foi agraciado com o *Jerusalem Prize* e receberá o prêmio no valor de US\$ 10 mil, no dia 20 de fevereiro, na abertura da 25ª Feira do Livro de Jerusalém.

O 17º Prêmio Açorianos de Literatura e o 1º Prêmio Açorianos de Criação Literária agraciaram Marco de Menezes, com *Fim das coisas velhas* (poemas), na categoria Livro do Ano.



Aricy Curvello

Divulgação